

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Maria de Fátima Araújo Rocha

**POSSÍVEIS DISTANCIAMENTOS ENTRE CRISTANDADE E CRISTIANISMO NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA NA PERSPECTIVA DE KIERKEGAARD.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Drº Humberto Araújo Quaglio de Sousa.

Juiz de Fora
2019

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Maria de Fátima Araújo Rocha**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201670201A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Possíveis distanciamentos entre Cristandade e Cristianismo na sociedade contemporânea na perspectiva de Kierkegaard** desenvolvido durante o período de 11/03/2019 a 16/07/2019 sob a orientação de Humberto Araújo Quaglio de Sousa ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 16 de julho de 2019.

Maria de Fátima Araújo Rocha

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

POSSÍVEIS DISTANCIAMENTOS ENTRE CRISTANDADE E CRISTIANISMO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA NA PERSPECTIVA DE KIERKEGAARD.

Maria de Fátima Araújo Rocha¹

RESUMO

Soren Kierkegaard, escritor, filósofo e teólogo, considerado o “Pai do Existencialismo” considera que o indivíduo na existência é capaz de decidir e tem responsabilidade pela decisão, logo, “que existir é transformar-se, mudar, em suma, vir a ser.” A existência acontece por meio das possibilidades ¹ (LE BLANC 2006, p.100). Com esse entendimento, pode-se analisar que Kierkegaard será um personagem capaz de mudanças e que seu estado de melancolia unido com uma educação cristã luterana, bastante repressora, dada pelo pai extremamente religioso, vai desenvolver nele uma “aversão a temas filosóficos e religiosos e desdenhar todas as tentativas de formar um “sistema” fechado, completo e auto-contido” ² (GOUVEA 2006, p.21). A partir disso, este artigo nos mostrará o desenrolar das críticas que o filósofo teceu contra a Igreja e a seus fiéis, que deveriam tomar-se cristãos, segundo o filósofo, e o que o levou a romper com a Igreja. Será que a cristandade estava realmente distante do cristianismo na perspectiva de Kierkegaard?

PALAVRAS-CHAVE: Kierkegaard; cristianismo; cristandade; ataque.

1. INTRODUÇÃO

O DINAMARQUÊS SOREN AABYE KIERKEGAARD (1813 – 1855) foi uma das figuras mais importantes e fascinantes da história das ideias e um pensador chave no desenvolvimento da teologia e da filosofia do século XX. (GOUVÊA, 2006, p.18) Considerado o Precursor ou o Pai do Existencialismo, por muitos estudiosos, parece estar à frente de seu tempo com suas ideias polêmicas, ainda hoje. De acordo com as fontes bibliográficas estudadas para este trabalho, Kierkegaard focou o indivíduo na sua subjetividade e interioridade humanas, na sua liberdade de escolha e responsabilidade por elas, na angústia, no desespero, nos estágios da vida, dentre outros. Mas este artigo estará focado no ponto de vista do filósofo em relação à cristandade e ao cristianismo de sua época. Como era observador, reflete a ação e atitude da Igreja Oficial da Dinamarca. “Kierkegaard pensa, portanto, que a Providência o investiu de uma missão: a de dizer que a cristandade não é mais do que uma sociedade mundana vivendo na ignorância do temor e do tremor e fazendo de Deus aquele de quem se espera que terá o bom gosto de não usar nenhum rigor para com as faltas a que o homem se atribuía boa consciência de ter sucumbido com lucidez e com todo conhecimento de causa.” (KIERKEGAARD, 1986, p.12). A religião cristã causara-lhe muito sofrimento e foi a “concepção do cristianismo que o conduziu, pela lógica implacável de sua própria exigência, a romper com a Igreja de seu país(...)” (LE BLANC 2003, p. 22)

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma descrição breve sobre a vida e o pensamento do filósofo e teólogo dinamarquês de Soren Kierkegaard, descrever as críticas realizadas à igreja de sua época e tecer reflexões sobre essas críticas na cristandade atual. A partir disso, tentar identificar traços do pensamento kierkegaardiano e prováveis resultados advindos dele na atualidade. A metodologia proposta será a de revisão bibliográfica. Neste artigo serão utilizadas as seguintes fontes bibliográficas de estudo sistemático: Kierkegaard, de Charles Le Blanc; Soren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da modernidade de Jon Stewart; Soren Kierkegaard: ponto de vista explicativo da minha obra como escritor e Paixão pelo paradoxo: uma introdução aos estudos de Soren Kierkegaard e de sua concepção da fé cristã, de Ricardo Gouvêa. Espera-se que ao concluir este trabalho tenha-se um panorama da vida e do pensamento do filósofo em relação ao cristianismo e à cristandade.

2. A VIDA DE KIERKEGAARD

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: fatimaraújo-rocha1@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Drº Humberto Araújo Quaglio de Sousa.

Soren Kierkegaard nasceu em 5 de maio de 1813, em Copenhague, Dinamarca. Filho de Michael Pedersen Kierkegaard, um homem de Jutlândia profundamente religioso e com uma personalidade depressiva marcante, o qual criou o filho na tradição do cristianismo luterano, e de Ane Sorensdatter Lund, uma criada da casa de Michael Pedersen tornando-se sua segunda esposa e mãe de seus sete filhos, cujo filho caçula era Kierkegaard.

O pai de Kierkegaard fora educado numa religião muito austera e grave, cuja figura central era a de um Deus vingativo, impiedoso e que não oferecia nenhuma esperança de Salvação o que o levava a crer na autodisciplina. Dizia-se que o pai de Kierkegaard tornara-se um homem depressivo por conta de seus pecados outrora cometidos e acreditava que Deus os cobraria com a morte de seus filhos. Ele vivia um cristianismo cruel e desumano em que consistia na ideia de punição pelos pecados cometidos e transmitiu essa ideia a seu filho caçula. Kierkegaard vivenciou essas experiências em sua vida, muito mais através da religiosidade quando, na sua infância, recebeu uma educação religiosa rigorosa de seu pai cuja religião era triste, firmada na culpa e no medo da punição marcada pelo pietismo, (corrente religiosa proveniente do Luteranismo que a princípio se arraigou na Alemanha do século XVII "(...) colocava em primeiro plano a experiência religiosa pessoal e a reforma interior, fundamentado em uma prática religiosa e em uma moral mais austeras.) (LE BLANC, 2003, p.20). Com esse pensamento, o pai de Kierkegaard esperava um castigo que poderia acontecer nele ou nos dois filhos que lhe restara a qualquer momento. Segundo GOUVÊA (2006, p.137), "os pietistas acreditavam que a essência da verdadeira religião não consistia em conhecimento e falatório, em altas especulações, e muito menos em normas legalistas, mas sim, que aceite Jesus Cristo como Senhor e salvador pessoa". Kierkegaard vive essa religião na pele a qual transmitia que o homem devia sofrer e através da fé, que é concedida por Deus, ele voltaria a ter paz, perdão de Deus. Entretanto, Kierkegaard é surpreendido com a confissão do pai de que amaldiçoara a Deus na adolescência, e apesar disso, sua vida prosperou e tornou-lhe rico. Quando casado, começa, segundo o pai, a receber os castigos com a morte da primeira esposa e mais tarde da mãe de Kierkegaard e de mais cinco filhos, só restando o filho mais velho, Peter Christian que se tornou anos mais tarde bispo da Dinamarca e Soren, o filho caçula, que o pai desejava tê-lo como pastor.

Frequentou a Escola da Virtude Cívica, escola destinada a famílias ricas, onde se apaixonou pela cultura e literatura grega. Nesta escola, leu alguns textos do filósofo grego Platão e um conhecimento amplo sobre o filósofo Sócrates por quem ficaria fascinado por seus ensinamentos pelo resto de sua vida. Recebeu o apelido de "Soren Meião" por usar roupas esquisitas e meias grossas. Mas o jovem não se deixava intimidar e fazia seus colegas parecerem bobos ante sua esperteza e às vezes chegava a apanhar deles "por causa da humilhação que sofriam em suas mãos" (STEWART,2017, p.25). Anos mais tarde, retornou a essa escola para ser professor de latim. Interessante notar que a vida financeira da família Kierkegaard era oposta ao que acontecia com a Dinamarca, que decaía em crise após conflitos com outros países.

Mas, o que era mal, tornou-se pior na vida do jovem Kierkegaard, que apesar de ter tido uma educação paterna e religiosa tão rigorosas, não entendia os lamentos do pai que "diz muito ao filho de sua velhice: "pobre criança que se vai em um desespero sem grito" (LE BLANC, 2003, p.32) e um dia estando embriagado trouxe a verdadeira razão de toda sua depressão: o pai teria supostamente violentado a criada (aquela que viria a ser a mãe dele) quando aquele ainda estava casado com a primeira esposa. E isso causara no pai um enorme medo de ser punido pelos seus atos, pois, ele apesar de ser um cristão fervoroso, não acreditava no perdão divino. Segundo STEWART, (2017, p.42) Kierkegaard começará a refletir e a questionar as verdades daquele cristianismo vivido pela família. Aquilo foi um terremoto que abalou decisivamente a vida espiritual daquele jovem que tinha ao pai total amor "(...) intervinham as minhas relações com meu pai, o homem que mais amei, e que significa isto? Que era o homem que me tornara infeliz – mas por amor. (KIERKEGAARD, PV, 1986, p.73)

Soren distanciou-se do pai, virou um boêmio, lançando-se numa vida desregrada e pródiga, e fazia com que o pai fosse desonrado com suas atitudes ao ter que pagar as contas do "filho da sua velhice" nos bares por onde este passava. A vida espiritual de Soren se transforma. Tanta espiritualidade e ensinamentos religiosos que o pai lhe passara ruíram em sua mente. "A vala entre Kierkegaard e seu pai estava ficando muito larga, e ele saiu da casa paterna." (GOUVÊA, 2006, p.40). Kierkegaard, muda sua perspectiva de vida, o que o leva ao grande salto, na maneira de ver, sentir e compreender o mundo a partir de sua vida e da família. Os valores espirituais pareciam não mais fazer sentido. Ele descobre as duras penas que o ser humano não é perfeito em sua existência, mas está sempre se construindo, o pai foi um forte exemplo. Vivida intensamente uma religião, que o deixava na depressão. Na sua vivência é o próprio homem quem decide o que ele vai ser. Após a morte do pai, Kierkegaard, se isola mais ainda, considerando que tinha uma missão a cumprir, pois, considerava que o pai se sacrificara por ele, morrendo em seu lugar.

Outro fato marcante na vida de Kierkegaard, foi quando conheceu seu grande amor: Regina Olsen e fica noivo dela. No entanto, a noiva percebe uma mudança no comportamento do noivo, que se tornara ausente e frio. Reconheceu que tal comportamento “era uma parte da melancolia hereditária que corria na Família Kierkegaard” (STEWART, 2017, p.149).

Um ano depois o noivo decide romper o noivado, apesar de amá-la, não tinha considerado casar-se seriamente: “Casar com ela, no pleno sentido tranquilo e confiante do termo, jamais pensei nisso”. (III A 166) (LE BLANC, 2003, p. 36)

Pode-se imaginar que Kierkegaard não quisesse que sua amada entrasse num mundo tão cheio de melancolia e frustração espiritual. Ele procura justificar o rompimento com a jovem criando um emaranhado de razões que tentavam explicar suas crises de depressão e a história familiar cheia de acontecimentos maus que causaram grande sofrimento e dor, como a morte dos cinco irmãos. Tomou a atitude de sair daquele relacionamento sem macular a imagem da amada assumindo um comportamento inadequado perante a sociedade. Em seu pensamento ele deveria sacrificar seu amor por Regine Olsen, não levando para o relacionamento de ambos, o conhecimento da história pregressa de seu pai. O pecado de seu pai o tornara um pecador também antes mesmo de o ser, por isso ele levou sobre si aquela culpa que “impedia-o de comprometer-se com outros, em particular com uma mulher honrada”, ou seja, não se casaria e assim fecharia aquele “ciclo” de sacrifício iniciado em seu pai. Sacrificar-se-ia pelo cristianismo. Ao exercer sua liberdade de escolha, fez “uma opção difícil, desconfortável e penosa em termos de sentimentos, de juízo de si e de juízo dos outros.” (LE BLANC, 2003, p. 37)

Após o fim desse relacionamento, Kierkegaard se enveredou profundamente na arte de escrever e foi a época de maior fertilidade na vida do autor.

Morre em 11 de novembro de 1855, após uma queda na rua por causa de uma paralisia e ficar hospitalizado aproximadamente dois meses; demonstra sua indignação contra a Igreja da Dinamarca recusando receber a Sagrada Comunhão da Igreja.

2.1 KIERKEGAARD E O EXISTENCIALISMO

Kierkegaard, considerado “Pai do Existencialismo”, foi talvez o primeiro estudioso a pensar no homem como um ser que existe, capaz de refletir suas atitudes, sua vida, por isso seu pensamento estar baseado na existência do homem no seu interior, rejeitando o conhecimento de coisas externas. De acordo com STEWART (2017, p. 53) “Para Kierkegaard, como para Sócrates, o conhecimento de coisas externas é irrelevante sem o conhecimento de si mesmo como sujeito.”

Para Kierkegaard, a existência do homem o coloca diante de alternativas que o obrigam fazer escolhas. “A vida do homem é existência, é relação com o mundo e com os outros; é preocupação com sua sobrevivência, é antecipação e projeto, desenvolvimento de um programa que está se escrevendo, saída fora de si da vida, é essa continuidade contrariada por descontinuidades, as das escolhas que é preciso efetuar o tempo todo.” (LE BLANC, 2003, p.48)

O pensamento kierkegardiano reforça que toda existência não é um simples existir, “mas uma forma ou estágio específico de existência”. (GOUVÊA, 2006, p.93). Desta forma, para ele “O existir do homem é possibilidade, indeterminada, positiva ou negativa, mas ativa.” (LE BLANC, 2003, p.50), o que se opõe ao pensamento de Hegel que considerava que “a conjunção das condições obriga sem apelação o “possível” a realizar-se, determina-o a passar ao real. A possibilidade hegeliana é passiva, é um resultado: reúnem-se condições e o possível deve advir, necessariamente.” (LE BLANC, 2003, p.49)

Kierkegaard estudou os pensamentos de Sócrates, e se interessa pela “concepção de que o sujeito é um elemento constitutivo da verdade.” (STEWART, 2017, p. 51). Essa ideia de uma verdade subjetiva lhe agradou e ele passou a acreditar que precisava encontrar uma razão para sua vida, ou seja, “encontrar uma verdade que seja uma verdade para mim, encontrar a ideia pela qual eu esteja disposto a viver e morrer.” (STEWART, 20017, p. 52)

A partir dessa visão existencialista, voltada para a subjetividade e interior do indivíduo, suas escolhas e responsabilidade nelas e a questão da fé cega em Deus, vale observar como Kierkegaard vai encarar a religião, o que o difere de outros estudiosos que não seguiram essa linha.

Assim, entende-se que o existencialismo exaltava o ser humano na sua individualidade de pensar tomando-o livre de todos e de tudo que era aceito como verdade em épocas anteriores e rejeitava a ideia de que o homem precisava de Deus para conduzir a vida dele.

2.2 OS ESTÁGIOS DA VIDA

Vivenciando sua melancolia através dos tempos, Kierkegaard identifica três modos de existência do ser humano durante a vida: o estágio estético, o estágio ético e o estágio religioso. Declara que “Os diferentes estágios, por exemplo, representam as relações mais gerais, os maiores ângulos de relação a partir dos quais a subjetividade se relaciona com a verdade. Como não há nenhuma outra verdade mais completa do que Deus (que, aliás, está fora da História porque está fora do tempo) com o qual o homem pode se relacionar, o problema mais importante será aquele que considera essa questão.” (LE BLANC, 2003, p.106)

O estágio estético é o estágio natural da vida em que o homem vive para satisfazer suas vontades e prazeres imediatos e não se prende a nada, é livre, não é responsável por seus atos. Dessa forma, Kierkegaard descreve sua vida de jovem

“Tive ocasião de ver de muito perto um conjunto de prazeres, de paixões, de disposições, de sentimentos, etc., e exercitei-me em penetrar bem nos corações, na arte de imitar; a minha imaginação e a minha dialética tiveram sempre uma matéria suficiente para ordenar e, livre de ocupações, tive bastante tempo para permanecer na ociosidade (...) ... ai de mim! No caminho da perdição (...)” (KIERKEGAARD, PV, 1986, p 74)

O estágio ético é aquele no qual o homem se sujeita aos princípios e valores morais ditados pela sociedade ou por Deus. É o estado dos deveres e das escolhas. As pessoas escolhem viver de acordo com os padrões da sociedade colocando limites em seus prazeres e vontades. Passam a respeitar o outro como pessoa que são com direito e deveres.

Como exemplo, poder-se-ia dizer que o rompimento do noivado de Kierkegaard e Regine Olsen se enquadraria nesse estágio não desejando que sua amada entrasse em seu mundo espiritual pleno de desolação. Porém, continua fiel a seu amor. Em outro momento reata o relacionamento quebrado com seu pai, desde que descobre o que seria o terremoto de sua vida, passa a entender o sacrifício do pai feito por ele a vida toda e volta a estudar Teologia como o pai queria, cumprindo esse ciclo. Portanto, o homem vai construindo aquilo que ele vai ser. É nesse estágio que o homem se descobre e assume que tem consciência para reconhecer seus erros, seus pecados e tem necessidade interior de se arrepender de suas más escolhas que fazem parte de sua existência. Quando ele reconhece “a necessidade do arrependimento, o salto para o estágio religioso irá tornar-se possível.” (LE BLANC, 2003, p. 67). Está claro que nenhum desses estágios resolve o problema e o anseio do coração do homem, eles são apenas movimentos que acontecem e a qualquer momento o indivíduo pode voltar novamente a um desses estágios. A decisão é dele.

O estágio religioso, segundo Kierkegaard, é aquele de que todo homem necessita em sua vida, pois este será guiado pela sua fé. Nesse estágio a pessoa reconhece que há um Deus e escolhe viver para ele, para obter um relacionamento mais elevado que pode ajudá-la a escapar dos dois estágios anteriores: ou viver entregue às paixões, aos desejos desregrados ou viver sujeito as regras morais que vêm de fora de si mesmo. É o momento do salto da fé em que o homem, não sabendo o que fazer diante das alternativas, tem um encontro verdadeiro com Deus e consigo mesmo e quando a vida passa a ter sentido, objetivo preenchido pela fé em Deus. Como exemplo, Soren usa Abraão, o Pai da Fé, que dá esse salto para Deus, rompendo os limites ou a ausência dos estágios anteriores. Isto é, Abraão viveu o drama da angústia de obedecer ou não a Deus quando este lhe pede o filho Isaque em sacrifício. Se não matasse seu filho estaria em obediência a Deus, pecaria contra ele, estaria vivendo o estágio estético tendo o prazer e a vontade de ter seu filho prometido somente para ele e a conquista de se tornar o Pai de todas as famílias. Estaria vendo o seu lado humano, ou seja, agiria de acordo com sua razão. No entanto, se ele cumprisse a ordem de matar o filho, infringiria as leis morais e legais, sofreria a punição estabelecida pela sociedade, pois havia sido responsável pela morte de alguém. O que fazer nessa situação? O estado ético representa a luta com a razão (não matar) e o estado religioso representa o sofrimento de Abraão (morte do filho). É nesse momento que a fé de Abraão entra em conflito com a ética e o religioso: pecar contra o homem ou pecar contra Deus? Nessa “condição de incerteza, de temor e tremor, condição terrível incrementada ainda mais pelo isolamento e pela contradição que existe doravante entre ele e o mundo”²⁵ fez com que o velho pai provasse “a angústia da incerteza”, Abraão, pela fé, decidiu romper com suas vontades e com os valores da sociedade para obedecer à vontade de Deus, o qual traria a solução para seu filho Isaque. Este salto de fé é o caminho desejado por Deus para todo ser humano que O descobre como um pai e não como um carrasco (forma da qual era visto por Kierkegaard em sua infância e juventude). É nessa relação

subjetiva (interioridade) de afeto e fé com Deus (sobrenatural) que o filósofo do existencialismo cristão encontrará os caminhos para sua existência. Assegura que sem risco não existe fé e quanto maior o risco maior será a fé, a entrega total a Deus.

Dessa forma, o filósofo dinamarquês dá seu salto de fé renunciando o relacionamento amoroso com sua noiva amada, sendo atraído pelo relacionamento espiritual com Deus, vinculado na relação de sofrimento e fé: a perda da amada por um tempo, mas de ter a possível restituição dela por meio de sua entrega a Deus. Como na história de Abraão e Isaque. O que não acontece. Através de suas obras, tenta manter e solidificar a relação com Deus, e tenta se estabelecer como escritor na sociedade partindo ao ataque veemente à igreja oficial da Dinamarca, que segundo ele, não conhecia o verdadeiro cristianismo.

2.3 O PARADOXO DA FÉ

Fazer ou não fazer a vontade de Deus? Obedecer a Deus ou fazer a vontade do homem?

Segundo STEWART (2017, p.177): “Talvez o mais importante seja que Kierkegaard enfatiza a natureza paradoxal da fé: ela é algo contraditório e absurdo. De acordo com Kierkegaard, “cada indivíduo deve chegar à fé cristã por conta própria,” (STEWART, p. 219), sozinho, sem a mediação de outras pessoas. Observa-se que para Kierkegaard, a fé é subjetiva, individual e não se fundamenta com a razão apenas. Ele insistia que o objeto da fé cristã “é a realidade de Deus na existência como indivíduo particular” (GOUVÊA, 2006, p. 196). Segundo Kierkegaard, “é pelo pecado de fato que cada homem estabelece uma relação única e pessoal com Deus” e que as “características próprias do cristianismo e da existência são escândalo, paradoxo, necessidade, alternativas, dúvidas, angústia, solidão. (LE BLANC, 2003, p. 76). Entre tantas possibilidades de escolha na existência, o ser humano se angustia e descobre que mesmo tendo liberdade de fazer as escolhas, elas podem levá-lo tanto para o caminho do bem como o do mal. Por isso entra em conflito consigo mesmo não encontrando solução para os seus problemas. A angústia interna diante dos problemas vividos e o desespero da impossibilidade de resolvê-los sozinho leva o indivíduo a voltar para o seu interior e busca uma força que o ampare mediante a fé: Deus. “A relação com Deus aparece então como meio de salvar o indivíduo da angústia e do desespero em que sua posição na existência o coloca” (LE BLANC, 2003, p.51), a não ser se entregar a “Aquele para quem tudo é possível” (LE BLANC, 2003, p.52). Quando o homem que estava distanciado de um relacionamento com Deus, escolhe “assumir os riscos da existência pela fé ou não” (LE BLANC, 2003, p.52) dará o salto de fé em direção a Deus como a possível solução para a angústia humana.

Através de tantos paradoxos explicitados por Kierkegaard, este exemplifica com a história de Abraão e Isaque, quando Deus pede que matasse o “filho da sua velhice” como prova de fé nele. A fé apaixonada e cega de Abraão por Deus revela o absurdo e o paradoxo na vida desse personagem bíblico. “Segundo essa visão, a mensagem de Kierkegaard é que, quando alguém tem uma convicção religiosa firme, ou quando recebe uma revelação de Deus para fazer algo, isso é um comando absoluto que supera ética e a lei. É preciso simplesmente acatá-lo com obediência.” (STEWART, 2017, p.177). Eis o paradoxo da fé. Ou a pessoa crê, ou não crê. A decisão é dela, não de outros sobre ela.

Assim, por meio de seu pseudônimo Johannes Climacus afirma que “o absurdo é que a verdade eterna veio à existência, que Deus veio à existência, nasceu... como um ser humano individual” (GOUVÊA, 2006, p. 199) e isso abria a possibilidade da fé. Kierkegaard acreditava que “ninguém pode se tornar cristão sem ser confrontado com o “paradoxo absoluto” objetivo.” (GOUVÊA, 2006, p. 195). Para ele, o cristianismo institucionalizado tinha abandonado o escândalo da cruz de Cristo, onde o “Cristo sofre e morre como homem, mas fala como Deus” para vivê-lo só aos domingos e onde “a fé não tem mais importância, só conta a moral”. (LE BLANC, 2003, p. 74).

2.4 O ESCRITOR RELIGIOSO

O filósofo dinamarquês expressou que se tornou autor por acaso, talvez pela Providência, já que sua natureza era escrever intensamente e por ter tido um despertar religioso ao mesmo tempo. Serviu a causa do cristianismo, o tornar-se cristão, com a tarefa missionária de ensinar as pessoas a se tornar cristãs.

KIERKEGAARD (1986, p 27) declara-se um autor da duplicidade .num primeiro momento a produção é estética e depois passa a ser exclusivamente religiosa.

Começa, então, na literatura, a empregar a ironia, uma marca socrática peculiar, por meio de todas as obras que escreveu. Dizia que “a ironia é uma marca da subjetividade e que a subjetividade deve ser elevada correspondente à reflexão da reflexão.” (STEWART, 2017, p. 100) “Assim, ao fazer uso de algumas das ideias ou métodos de Sócrates, Kierkegaard acredita que pode trazer alguma luz sobre o que ele considera ser uma compreensão confusa do cristianismo em sua época” (STEWART, 2017, p. 90). Utilizou, também, vários pseudônimos em seus textos a fim de expor suas ideias de diversas formas sem se comprometer perante a sociedade num determinado momento, quase no final de sua vida, escreve abertamente à população criticando a cristandade e o cristianismo. Dentre alguns pseudônimos estão: A, Victor Eremita, Johannes de Silentio, Johannes Climacus, Anti-Climacus

Kierkegaard, enquanto escritor religioso, vive uma inusitada polêmica com o Jornal O Corsário, o qual satirizava as pessoas de bem e nobres de Copenhague que serviam ao Estado. Kierkegaard foi elogiado neste Jornal por um de seus escritos e isso o incomodou. Ao contrário de elogio, ele queria ser ridicularizado por seus textos. Escreveu uma carta falando mal do jornal e revelou os nomes de seus editores. O jornal, então, foi implacável. Começou a zombar de sua aparência e onde passava, as pessoas riam dele. “Esse episódio, provocado por ele mesmo, parece ter confirmado Kierkegaard em seu papel de mártir e reforçado sua convicção de que ele deveria sofrer a fim de expiar os pecados de seu pai e os seus” (LE BLANC, 2003, p.41).

2.5 KIERKEGAARD E A RELIGIÃO

Conforme STEWART (2017, p. 42) “o cristianismo prega que as pessoas são pecadoras, incapazes de obter a salvação por seus próprios atos e precisam de Deus”. Isso vai negar a autonomia do ser humano, quanto à liberdade de decisão principalmente na religião, como ainda ocorre. Pode-se lembrar que Kierkegaard discordava com o fato de o cristianismo ser religião oficial imposta pelo Estado. O homem, então, passa a ser visto como um ser racional que além de pensar, sente, imagina, aprende consigo mesmo de acordo com o pensamento socrático. E seguindo o pensamento de Sócrates “não deve aceitar cegamente o costume e a tradição, mas o sujeito precisa examiná-los criticamente e chegar por si mesmo a uma conclusão sobre eles”. (STEWART, 2017, p. 51). Por isso, entender que Kierkegaard afirma que a fé é uma verdade subjetiva apropriada pelo indivíduo e o cristianismo também. Eles só podem ser entendidos na individualidade de cada um.

Os conflitos existenciais de melancolia, sofrimento e solidão que adquiriu através da religião durante sua infância, mesmo tendo tudo, os bens materiais, riqueza e sentindo-se mais o miserável de todos, levaram Kierkegaard a querer sacrificar-se pela fé ao cristianismo ao ponto de desejar esclarecê-lo aos homens, pois acreditava que eles não viviam o verdadeiro cristianismo. “Tentava esclarecer que ser cristão não é posse garantida de ninguém, pois não se é cristão por ter nascido num país cristão ou numa família cristã, nem por ter sido batizado, nem mesmo por ter confessado sua fé alguma vez” (GOUVÊA, 2006, p. 120)

Constata-se que a “luta de Kierkegaard foi contra a Igreja Estatal Dinamarquesa, contra a própria ideia de uma igreja estatal, e contra a noção de uma cristandade genuinamente cristã, à qual ele achava ter sido enviado como um missionário” “para tornar cristãos em cristãos.” (GOUVÊA, 2006, p. 56) O cristianismo vivido por Kierkegaard passa a ser debatido e confrontado como uma verdade objetiva que “pode ser visto como algo externo e voltado para fora.” (STEWART, 2017, p. 53). Fez um contraste entre a verdade objetiva, exterior, que pode vir por meio de outras pessoas e a verdade subjetiva, despertada na interioridade. De acordo com o pensamento socrático, as pessoas aceitaram o cristianismo sem mesmo examiná-lo, mas por uma imposição.

2.6 KIERKEGAARD E OS ATAQUES À IGREJA

Na época de Kierkegaard, a sociedade dinamarquesa era considerada cristã devido a questões políticas acontecidas anteriormente na História desde o Império Romano, quando o cristianismo se estabeleceu como religião oficial através de um decreto dado por Constantino como se vê a seguir, por exemplo:

Os imperadores, querendo salvar a unidade do Império, reforçar o seu poder e autoridade, legitimar a ordem estabelecida, encontraram uma nova religião de Estado e passaram a instrumentalizar a Igreja. O cristianismo

converteu-se num sistema religioso privilegiado e a Igreja numa força político-ideológica, a mais expressiva, depois do Estado. De perseguida, a Igreja tomou-se triunfante (GOMES, 1997: 38-40)

(In Críandade e cristianismo Antigo de Francisco José Silva Gomes, p.180)

Phoenix.historia.ufrj.br/.../11_Crístandade e Cristianismo antigo Francisco Jose Silva (Internet)

As pessoas na Europa eram consideradas cristãs por imposição do Estado e passaram a seguir um padrão de vida por conveniência. O Estado e a religião se unem tornando uma coisa só. A religião protestante luterana era a religião oficial da Dinamarca e da família de Kierkegaard. Este vai ser o pano de fundo para Kierkegaard começar seus ataques contra a Igreja da Dinamarca.

Em pesquisa ao artigo de Inácio Strieder, (*O mal na filosofia existencial de Kierkegaard: por ocasião do bicentário de Soren Kierkegaard* – site Recanto das Letras.com.br), encontram-se fatores relevantes para um ataque à Igreja “Para Kierkegaard era uma aberração que os Pastores fossem funcionários do Governo, recebendo salários deste Governo; acomodando-se às exigências e conveniências políticas; orientando-se por uma filosofia idealista/racionalista, que os distanciava da pregação do verdadeiro conteúdo da fé cristã... O fruto de tal igreja resultava em cristãos que não viviam um verdadeiro cristianismo, pronunciando, muitas vezes, o nome de Deus apenas quando amaldiçoavam; um cristianismo de fachada, de aparências, com rituais formais; o povo submisso a normas externas da igreja; a dogmas, sem incorporá-los efetivamente em suas existências individuais. Esta igreja de Estado formava uma críandade, sem cristianismo. ”Por isso, Kierkegaard dizer, em sua produção escrita, que a “críandade era uma imensa ilusão” e como “um autor religioso que reconheceu a fundo essa ilusão na medida de suas forças, com o auxílio de Deus, bem entendido, declara uma guerra impiedosa a essa quimera” (KIERKGAARD, 1986, p.39), já que o que importa para ele é o tornar-se cristão. Assim, Kierkegaard, como o autor religioso, utilizando-se do discurso socrático da “confusão”, finge não conhecer o assunto, para levar as pessoas a entenderem o que é o cristianismo, predispõe a pagar o alto preço com sua vida literária, para que as pessoas cheguem a entender o que é tornar-se um cristão de verdade.

Como homem observador que era, Kierkegaard denunciava os problemas que ocorriam na sociedade cristã dinamarquesa com a fusão da Igreja com o Estado, Não concordava com o fato de os cidadãos serem chamados cristãos, se muitos até negavam e amaldiçoavam a Deus (como o próprio pai). Alegava que os valores cristãos ficaram vazios, perderam sentido, já que todos eram cristãos, como questionar os dogmas da igreja? Parece que os pastores dinamarqueses pregavam o sacrifício, a pobreza, mas levavam uma vida de privilégios, eram pagos pelo Estado, tinham propriedades e não passavam por nenhuma dificuldade, contrário ao tipo de vida dos primeiros cristãos, que eram até mortos. Kierkegaard decidiu parar de ir à igreja e instigava as pessoas a fazerem o mesmo. Declarou que “O cristianismo do Novo Testamento não existia mais ” (GOUVÊA, 2006, p. 25) ridicularizando e questionando as atitudes da Igreja. Tudo isso era discursado, questionado, analisado, confrontado por Kierkegaard por meio de seus inúmeros autores heterônimos registrados em suas obras. Finalmente o autor religioso saltará de sua produção estética para a produção religiosa, ao chamar “a atenção do público dentro e fora da Dinamarca.” (GOUVÊA, 2006, p. 53)

Tudo explodiu quando, após a morte do bispo Jakob Peter Mynster, o sucessor deste, Hans Lassen Martensen, fez um discurso elogioso dizendo que Mynster era “testemunha da verdade”. Aquilo deixou Kierkegaard mais irado e os discursos opositores inflamáveis. A expressão empregada por Martensen, “testemunha da verdade” tinha sido inventada por Kierkegaard “para caracterizar aqueles mártires e apóstolos que, em seu sofrimento, ‘testemunharam’ a verdade do cristianismo” eaquele discurso tinha sido um “exagero, um absurdo, e uma falsificação.” (GOUVÊA, 2006, p. 54) e rebate que “Mynster não poderia ser uma testemunha da verdade, ele que, além do mais, só fizera o hedonismo de Goethe conciliar-se com os sofrimentos de Cristo. Com ele, a igreja preferia a glória e as riquezas deste mundo à auréola do martírio. Ora, a Igreja é incompatível com o Estado, que não é ninguém em particular – a massa, a multidão -, uma vez que o cristianismo se dirige ao indivíduo. Não é possível haver Igreja de Estado: a Salvação é pessoal e não coletiva, e menos ainda “política” (LE BLANC, 2003, p.45). Conforme Kierkegaard, “a testemunha da verdade” seria alguém que vivesse o sofrimento, a pobreza, a humilhação, fosse odiado e até morto em defesa ao cristianismo. Essa polêmica indignou os moradores de Copenhague por Kierkegaard desonrar a memória de um morto tão reverenciado. Segundo STEWART (2017, p. 250) algum tempo depois ele passa mal e cai na rua. É levado para o hospital permanecendo internado por quase dois meses, recusa a visita de seu irmão bispo e não aceita receber os últimos sacramentos vindo a falecer depois disso tudo. Em seu enterro, alguns estudantes disputam

para carregar seu caixão. Seu sobrinho foi o único, naquele momento, a defender as ideias de tio escritor num discurso espontâneo e a acusar a igreja dinamarquesa de uma “instituição corrupta, totalmente comprometida por suas relações com os poderes mundanos, conclamou às pessoas a deixarem a Igreja oficial e protestou contra os procedimentos do funeral como violadores das crenças e desejos de Kierkegaard” (STEWART, 2017, p.251) Com esse discurso, o sobrinho alega que a Igreja ao fazer o funeral e o enterro de seu tio, demonstrava como ele estava certo em suas críticas contra ela. (STEWART, 2017, p. 250)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos tempos difíceis: decepções, solidão, angústia, descrença generalizada das pessoas nas instituições e em outras pessoas, desespero, síndrome do pânico. O cenário é desolador. Olhamos as circunstâncias que nos cercam, enxergamos a realidade nua e crua que se nos apresenta. Mas, felizmente, não permitimos que elas definam nosso futuro, podemos mudá-la. Não vivemos presos a uma condição determinista de que nascemos para sofrer, ou que tudo já está como é, ou deve ser. Há esperança de mudança. Somos livres para tomar decisões e agir de acordo com as nossas vontades, nossas escolhas.

Com essa visão existencialista do indivíduo ser livre, capaz de mudar o rumo da vida por meio de questionamentos, de análises e de suas escolhas, vamos nos deparar com o filósofo, escritor e teólogo dinamarquês Soren Kierkegaard, que vai revolucionar o pensamento da época em que vivia: o indivíduo é único e não deve estar preso, subjugado a ideias fixas, ditas como verdadeiras e inquestionáveis, principalmente na vida religiosa. “Ele é subjetivamente livre quando age baseado em suas próprias decisões e inclinações, e não de acordo com critério que veem de fora, ou seja, o costume ou a tradição” (STEWART, 2017, p. 104). Deixa claro que as pessoas não devem se submeter aquilo que as pessoas consideram como único e próprio para todos sem que a pessoa descubra se aquilo é o que ela quer, ou deseja para si. Observa-se que o pensamento Kierkegaardiano é bem marcante na atualidade, pois retrata o individualismo exagerado do ser humano no seu modo de vida Angústia, desespero, solidão, melancolia são sentimentos patentes em nossa vivência e foram marcantes na vida de Kierkegaard. Soren Kierkegaard retrata esses sentimentos em sua vasta obra os quais também foram vividos por ele além de querer romper com os padrões estabelecidos desde a família até a Igreja. Seus maiores problemas existenciais foram com a família e com a religião.

O dinamarquês se fundamentou na ironia de Sócrates, e na aporia, na qual vários questionamentos eram feitos à pessoa, até que ela ficasse sem palavras para explicar determinado assunto, levando-a entender que não sabia, ou não conhecia o assunto profundamente, em relação ao cristianismo. Kierkegaard “estudou cuidadosamente o método de Sócrates e pensou sobre as possíveis maneiras de usá-lo em seu próprio favor nas discussões de sua época, especialmente sobre a religião cristã.” (STEWART, 2017, p. 30).

Após intenso estudo e leituras exaustivas da vida e de algumas partes da obra de Kierkegaard, percebe-se quão sagaz e intrigante era o pensamento deste pensador e escritor (religioso, como se identificava) do século XIX. Problemas familiares, religiosos, particulares, sociais e com a igreja luterana causaram-lhe profundas insatisfações e melancolia, que o acompanharam por toda a vida. Observa-se, aqui sua oposição ao Sistema, ou as instituições. O relacionamento com o pai (representante da família) nos revela que a família é capaz de produzir males que reforçam nossa interioridade, ainda que seja para o bem. Kierkegaard teve “uma educação rigorosa e austera que foi, para perspectivas humanas uma loucura” (KIERKEGAARD, PV, 1986, p. 72). “Desde o berço, a minha infelicidade, consumada pela educação, foi a de não ter sido homem” (KIERKEGAARD, PV, 1986, p. 75).

Depois critica a sociedade opondo-se indivíduo e coletivo. Afirmava que o “indivíduo, ou o singular, recusa energeticamente que o homem, sua natureza, seus interesses e sua liberdade sejam relacionados a alguma entidade infinita, imanente ou transcendente que pretenderia absorvê-lo.” (LE BLANC, 2003, p. 107), ou seja, que ele não precisa estar sujeito a nada ou a ninguém. E em relação à sociedade de Copenhague “o perigo que quando as pessoas corajosas, a partir do momento em que se tornaram “multidão”, se transformam em seres diferentes, insensíveis quando agem em público.” (KIERKEGAARD, PV, 1986, p. 59). Para ele, as relações entre as pessoas se tornam automáticas, previsíveis e até falsas, elas não agem com sinceridade para com outro. As redes sociais reforçam esse comportamento ao mostrar que as pessoas mentem, inventam perfis falsos, seguem pessoas com quem não se tem intimidade e se afastam de amigos e familiares comuns para viverem a imposição das massas. Kierkegaard criticava os grupos, pois acreditava que eles impunham seus

pensamentos como sendo únicos e verdadeiros, não dando liberdade, ou direito de escolha para a pessoa absorver tal pensamento e analisá-lo se ele era bom para a pessoa ou se era algo forçado e de interesse exclusivo do grupo.

Pode parecer que o pensador e teólogo se distancia do relacionamento interpessoal, mas pelo contrário, verifica-se que ele se mantém muito mais próximos das pessoas numa comunicação indireta através seus textos, para persuadir as pessoas ao ensino que ele reconhecia como missão ou tarefa.

Kierkegaard buscou na literatura, por meio da ironia e na religiosidade, o escape para seus problemas de existência. Verifica-se que o pensador dinamarquês une esses dois elementos, na tentativa de mudar a visão da sociedade e criticar os costumes da época, principalmente, o religioso. Como ele sofrera com a religião cristã pietista, sem compaixão, a qual o pai vivera e lhe ensinara a viver, fica evidente como Kierkegaard se empenhou a “emprender uma reforma religiosa na cristandade.” (LE BLANC, 2003, p.21) e como ele buscou encontrar nas falhas do ensino do cristianismo, vivido desde a infância, a possibilidade de solução para esta questão e sugere que “deve-se usar a ironia para solapar as concepções errôneas do cristianismo. A ironia, então, como uma força negativa, não é a própria verdade, mas ela prepara o indivíduo para encontrar a verdade por si mesmo.” (STEWART, 2017, p.145). Encontra-se na mídia essa característica irônica bem marcante nas programações humorísticas em que tudo é motivo de riso, de zombaria, e há subtendido oposição a conceitos e valores familiares e cristãos.

Kierkegaard enfatizava em sua obra a importância do tornar-se cristão, porquanto não reconhecia o cristianismo na cristandade dinamarquesa. Aquilo que supostamente a sociedade acreditava, às cegas, não era vivido por ela. O conhecimento teológico do cristianismo que Kierkegaard tinha, que apresentava o sofrimento pessoal de Abraão e do Cristo, através da obediência, da renúncia de si próprio, por paixão ao paradoxo, embasava-o de desacreditar naquela religião. A fé é uma verdade subjetiva, a pessoa pode ou não ter fé. Logo, o “salto da fé” é usualmente entendido como um salto às cegas no escuro, algo solitário, (GOUVÊA, 2006, p.162) como a fé de Abraão pelo seu filho Isaque.

A Igreja, com certeza, era culpada por esse ensinamento e foi também alvo das críticas de Kierkegaard. Ele via que a instituição se tornara desnecessária por não cumprir seu papel naquilo que a mesma ensinava. Bispos e pastores não haviam saído do estágio estético, dos prazeres pessoais. Eram trabalhadores para o Estado, recebiam pagamentos para ensinar as pessoas a serem cristãs, viviam regalias e privilégios que eram atitudes contrárias aos sofrimentos dos apóstolos de Cristo referentes no Novo Testamento.

Como Kierkegaard não aceitava o cristianismo imposto como religião oficial, hoje também, com o aumento de pessoas, que se dizem cristãs e o surgimento de tantas igrejas cristãs percebe-se pelas mídias, o desprezo pela religião.

Da mesma forma, atualmente, nota-se que em algumas igrejas denominadas cristãs ou evangélicas, o evangelho perdeu a essência central de Cristo, de redenção, de humildade, de amor ao próximo e conseqüentemente de serviço em prol do outro, ao invés de ser para si mesmo. Muitos, em nome do cristianismo, encontraram meio de ganhar dinheiro, se enriquecer explorando a fé de pessoas ingênuas, mas também daquelas que querem obter bens materiais sem esforço algum. Falam de um Deus, que desconhecem, pronto a servir aos desejos materiais humanos e esquecem de tratar a vida espiritual. Muitos são vistos até como charlatães. É fato que grande parte daqueles que se dizem cristãos, atualmente, não vive um cristianismo transformador de verdade; porém, é possível que a outra parte o viva com temor e tremor. Kierkegaard enxergava o distanciamento espiritual da cristandade em relação ao cristianismo na sociedade de Copenhague. Talvez, não se tenham igrejas ligadas ao Estado, que recebam pagamentos por seus cargos, por suas pregações, não sejam influentes como na época de Kierkegaard, mas, por outro lado, vê-se a tirania dos cultos, nos quais também não se pregam o Cristo Redentor e Ressuscitado, mas que despertam a cobiça, a avareza desenfreada do ter e não do ser. Realmente, essas igrejas deveriam ser fechadas, pois não pregam o Cristo, que praticava o amor e as boas obras em favor das pessoas necessitadas como é relatado no Evangelho de Mateus 4:23, “E percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando todas as enfermidades e males entre o povo”

Entretanto, muitos não creem nisto, e até acreditam que haja um fanatismo religioso, irracional, descontrolado por parte dos cristãos. É possível que Kierkegaard, se recusou a ser pastor em Copenhague, tenha descoberto tantas verdades religiosas e transformadoras através dos estudos do Novo Testamento que lhe causassem conflitos e, por isso, focou no cristianismo da igreja luterana, a ponto de desacreditá-lo.

Quando sugere que as pessoas não fossem à igreja, ele demonstra querer romper com as instituições: igreja e até mesmo a família (porque o irmão representava as duas categorias) e estabelecer um anarquismo, ou desgoverno por considerá-los desnecessários. Isso é fortalecido quando está no leito de morte e

se recusa a receber o irmão pastor e conseqüentemente os sacramentos. Apesar de uma parte da sociedade considerar que as instituições estão falidas, elas se estabelecem, ainda que com configurações diferentes.

Em relação à dialética do autor religioso, fé e ironia, cristianismo e crmandade, indivíduo e sociedade, observa-se quão difícil é entender esse filósofo e teólogo tão contraditório em relação à vida religiosa e individual que teve, e aprofundar no estudo de sua obra, pois ficou a dúvida: ele defende ou não defende o cristianismo? Pode-se considerá-lo genial enquanto escritor literário, como ele mesmo se identificou; mas, provavelmente seguindo o raciocínio socrático, deixou uma abertura para as pessoas refletirem, fazerem suas escolhas, aceita-las e viverem a possibilidade de se refazer sozinho, sem mediações. O tornar-se cristão, que Kierkegaard tanto esperava da crmandade, e que não se sabe se ele chegou a ser, é que vai fazer a diferença para o indivíduo. Segundo GOUVÊA (2006, p.143) “o cristianismo de Kierkegaard representa o resgate e a conservação da preciosa essência da pregação apostólica espiritualmente vivificada”. Ele “abraçou de corpo e alma o martírio intelectual em seus escritos para mostrar a verdade do evangelho simples e incrivelmente complexa que nos toma um minuto para entender e uma vida toda para assimilar” (GOUVÊA, 2006, p.144). Percebe-se que para o filósofo o cristianismo é algo difícil de ser vivido e compreendido. De fato, o ser humano tem a liberdade da escolha e se ele consegue apropriar de algo através da fé, tanto rejeitada por Kierkegaard, ele terá encontrado o sentido para a vida dele. Não há por que desdenhá-la, rejeitá-la ou negá-la., não é uma razão pessoal? No entanto, querer que isso não se torne público pode ser difícil. Porque o ser humano não é um ser isolado, vive em comunidades que a todo momento interage, seja com ideias boas ou más. Se sou o sujeito da minha vida, escolherei o que considerar melhor para mim, não importa o que o outro diga. Como ele mesmo disse, a escolha é individual e se processa no interior de acordo de acordo com a vontade de cada um. Desconstruir e até mesmo destruir os Sistemas, conceitos e valores tem sido a tônica de muitos segmentos da sociedade.

Ainda que a religião cristã tenha sido vista como algo quase impossível, algo inútil ou desnecessário e o tornar-se cristão ser um devir imperativo, uma sobrecarga, isto foi a perspectiva unilateral, centrada e individual de alguém que não se achava enquadrado nos padrões da família, da religião e da sociedade da época, Kierkegaard. É certo que muitos não conseguem entender o mistério da fé, porque ela é realmente individual e precisa ser exercitada. Em I João 5:4 está escrito “... e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé”. Se a pessoa não tem fé, com certeza, ela não entenderá o cristianismo, “pois a fé não é de todos” 2 Tessalonicenses 3. 2, isto quer dizer que há os que creem e há os que não creem. Possivelmente o filósofo fazia parte do não. Há algumas pessoas, que se dizem representantes do reino de Deus ou do próprio Deus, e são persuasivas, autoritárias e mesmo enganadoras que sobem no púlpito para contar histórias, pegar versículos isolados para levar o povo a fazer o que eles querem e estão cada vez mais prósperos e ricos, enquanto as pessoas são levadas a buscar o “deus “ da prosperidade, da avareza, da autossuficiência, da autoconfiança, sem ensinar-lhes as verdades do reino divino.

Ao concluir este estudo, percebo que os mesmos distanciamentos que existiam entre a crmandade e o cristianismo da época de Kierkegaard, continuam na atualidade. A descrença na instituição, o afastamento da fé, ou ausência dela, o crescimento do egoísmo, o individualismo, o isolamento das pessoas, embora estejam juntas com pessoas reais, estão conectados ao mundo virtual, ao mundo da mentira; o rompimento com as estruturas estabelecidas, a falta de virtudes tão pouco conhecidas, o apelo exacerbado pelo ter, pela aquisição desenfreada de dinheiro, tudo isso corrobora com o surgimento de uma outra sociedade que se preocupa consigo, que não se submete a leis, são presunçosos para com uma mudança que lhe satisfaça. Não se deve, realmente, tomar para si aquilo que não conhece, que não tem sentido para a vida, que é imposto, ou exigido. Já vivemos muita pressão de vários lados. O legado de Kierkegaard nos proporciona uma nova perspectiva diante do processo que se transforma a cada dia: um (re) descobrir-se, um sair da acomodação que parece imutável, aceitação de outras possibilidades, quebra de paradigmas, questionamentos e talvez um desprezo aos movimentos ideológicos em geral advindos com individualismo. Vale lembrar que até mesmo essa inovação na forma de pensar e agir pode ser temerária. Tanto para o bem como para o mal. Depende de qual lado se está.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA SAGRADA. Versão revista corrigida na grafia simplificada, da tradução de João Ferreira de Almeida.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. Paixão pelo Paradoxo. Uma Introdução a Kierkegaard. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

KIERKEGAARD, Soren. Ponto de vista explicativo da minha obra como autor. Textos filosóficos 10, Artur Mourão (diretor da Coleção), Lisboa: Edições 70, 1986. Um anarquismo

LE BLANC, Charles. Kierkegaard, tradução de Marina Appenzeller, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 2003.

SILVA, Francisco José. Crisandade e Cristianismo Antigo. Disponível em:

<http://phoenix.historia.ufrj.br/media/uploads/artigos/11_-_Crisandade_e_cristianismo_antigo_-_Francisco_Jose_Silva_G.pdf>.

STEWART, Jon. Soren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da modernidade; tradução de Humberto Araújo Quaglio de Souza, Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

STRIEDER, Inácio. *O mal na filosofia existencial de Kierkegaard: por ocasião do bicentenário de Soren Kierkegaard*. Disponível em: < <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-sociedade/4273283> >.